

JAN WACLAV MAKHAÏSKI (1866-1926)

TRAGTENBEERG, Maurício (1981)

Entre os fins do século XIX e inícios do século XX o desenvolvimento industrial russo suscita a formação de inúmeros partidos políticos e organizações socialistas que pretendem representar a classe operária em formação; a social-democracia alemã constitui o modelo e Kautsky, seu teórico, é o mestre seguido. É nesse contexto que aparecem os textos de Makhaïski que, inicialmente, critica a social-democracia reformista do ponto de vista da ortodoxia marxista e, posteriormente, submete a crítica o bolchevismo enquanto ideologia de intelectuais que pretendem tutelar o movimento operário, fundados na distinção entre trabalho simples (material) e complexo (intelectual), com direito a maior remuneração, conforme exposição de Marx no *O Capital*. Ele privilegia o trabalho de direção em detrimento do trabalho de execução. Tal posição tem repercussão na Rússia entre 1905/1912 e inspira uma atividade revolucionária sob o nome de "makhaievchtchina". Makhaïski nasceu em Pintzov, província de Kielce, na Polónia submetida à Rússia, em 15/12/1866. Após os estudos em nível colegial ingressa na Universidade de Varsóvia, matriculando-se no curso de ciências naturais e, posteriormente, em medicina. Participa da luta política contra o czarismo, interessado nos objetivos nacionalistas poloneses a que vincula a proposta socialista. É preso pela primeira vez na Galícia em 1891 por introdução clandestina de literatura revolucionária. Após quatro meses de prisão em Cracóvia, emigra para Zurique. Por ocasião da grande greve de Lodz em 1892 e sua repressão, é detido na fronteira germano-russa, na sua tentativa de ingressar na Polónia, pela polícia czarista. Durante três anos permanece preso, em Cracóvia e depois em S. Petesburgo (atual Leningrado); é condenado posteriormente a cinco anos de exílio na Sibéria, em Vilouisk, aldeia perdida na Yakutia, em 1895. Em 1898 publica seu livro *A Evolução da Social-Democracia* onde critica o oportunismo da social-democracia alemã. Em 1902 em Irkoutsk tem um encontro com Trotsky. Após cinco anos de exílio siberiano é autorizado a voltar à Rússia europeia. Por ocasião da comemoração de 1º de maio em 1902, ele redige um texto revolucionário; novamente preso, é condenado a sete anos de exílio administrativo em Kolyma na Sibéria, tristemente célebre no período stalinista. Foge com auxílio de um social-democrata suíço, chegando à Suíça. Em 1903 instala-se em Genebra, em 1905 reedita seu livro *O Trabalhador Intelectual* e publica anonimamente dois textos: *A Bancarrota do Socialismo no Século XIX* e *A Revolução Burguesa e a Causa Operária*. Em 1905 suas idéias encontram eco em grupos de trabalhadores de Ekaterinoslav, Vilna, Bilostock, Varsóvia e S. Petesburgo. Em 1906 participa do grupo "A Conspiração Operária" em S. Petesburgo. Publica as duas primeiras, partes do *Trabalhador Intelectual* e Uma tradução anotada da *Sagrada Família* de Marx. Em 1907 deixa a Rússia devido à repressão; passando por Cracóvia instala-se na Suíça. Em 1908 em Genebra publica o único número da revista *A Conspiração Operária*. Entre 1909 e 1911 reside em Zakopane, pequena cidade montanhosa na fronteira entre Áustria e Polónia; sobrevive com aulas particulares.

Emigra para Paris empregando-se como funcionário de banco quando a revolução de 17 o surpreende. Arruma as malas viajando para a Rússia. Lá edita a revista *Revolução Operária*, porém sua crítica aos novos "dirigentes" leva à interdição da mesma. Ocupa o cargo de revisor técnico da revista oficial *Economia Popular*, morre a 19/2/1926.

O Socialismo de Estado (1900) é um texto preocupado em mostrar que, mesmo não sendo classe possuidora, a intelectualidade (*intelligentsia*) se aproxima por seu nível de vida à burguesia. A mais-valia extorquida pelos capitalistas não garante somente uma existência parasitária a "um punhado de capitalistas e latifundiários". Possibilita um nível de vida burguês aos trabalhadores intelectuais que se beneficiam de parte do lucro nacional líquido.

Se essa *intelligentsia* é anticapitalista, ela não deixa de perseguir seus próprios fins, lutando por uma partilha maior para si da mais-valia global. Isso tudo às custas do operário manual que, mediante o aumento da produtividade de seu trabalho, permite que uma camada social (*intelligentsia*) se exima do trabalho material. O capitalismo condena milhares de indivíduos ao trabalho manual e a cultuar uma minoria com seu "grande talento". A transferência dos meios de produção ao Estado é o ideal desses intelectuais, acentua Makhaïski, daí a social-democracia e o bolchevismo – a seus olhos – reduzem a luta operária à construção do "socialismo de Estado", que distribuirá a renda nacional entre os membros da nova burocracia formada pelos "trabalhadores intelectuais".

Na *A Ciência Socialista: Nova Religião dos Intelectuais* (1905) Makhaïski aborda um tema central da "esquerda" mundial, profundamente atual: de que a abolição da propriedade privada é condição necessária à implantação do socialismo, porém não é condição suficiente, desde que seja mantida a divisão social do trabalho fundada na separação entre o trabalho manual e o intelectual, entre quem pensa e quem faz.

Na *A Conspiração Operária* (1905) volta ao tema do operário e do intelectual; enquanto o primeiro vende seu suor e sangue, o intelectual emprega no mercado conhecimentos adquiridos graças ao trabalho dos operários, assim como deles o capitalista adquiriu sua fábrica. Em suma "o intelectual vende aos capitalistas sua habilidade para extrair o melhor possível o suor e sangue dos operários. Ele vende o diploma que adquiriu graças a essa exploração" (pp. 26-7).

Enquanto o salário do operário é parte do valor de seu trabalho pessoal, o salário do intelectual é parte do lucro patronal, uma fração do produto do trabalho dos operários. Por suas funções de organização, o patrão obtém uma renda que partilha com seus auxiliares. Os patrões cessaram de organizar o trabalho dos operários, passaram essa tarefa à *intelligentsia* assalariada, enquanto eles contentam-se em receber os dividendos de suas ações. Pergunta Makhaïski: assim o fazendo são menos exploradores do que quando extraíam diretamente a mais-valia operária? Um explorador é um parasita, organize ou não diretamente a exploração. "Uma sociedade dividida entre organizadores da produção /exploradores e escravos executantes não realiza a exploração do trabalho? O Estado democrático significa apenas que o sábio toma o lugar da polícia, ou melhor, que ele se põe no mesmo nível que a polícia" (p. 35).

Makhaïski mostra quão falaz é a proposta da democratização do Estado capitalista, a participação no Parlamento, citando o exemplo alemão, "quando mais de cem deputados socialistas foram eleitos na Alemanha, revelaram-se faladores completamente inúteis..." (p. 48) que, com a falácia do sufrágio universal têm seu número aumentado "sentados sobre as costas dos trabalhadores" (p. 48).

Da mesma maneira, tem ele como vã a idéia de que a classe operária precisaria ter nível cultural para compreender seus interesses, "pois sob o regime de exploração, seria vão aos operários aspirarem a adquirir conhecimentos, pois eles não poderiam dispor senão

de uma cultura de escravos que seria cultivada na medida em que desse vantagens aos amos possuir escravos mais inteligentes, mais rentáveis" (p. 54). É esse o sentido oculto das escolas técnicas e do ensino profissionalizante, que apenas reproduzem o trabalho simples, são escolas "de pobre". Critica a cegueira da *intelligentsia* em não perceber que "estudou porque outros lhe forneceram alimento, roupa e habitação enviando seus filhos desde a infância ao trabalho forçado por toda sua vida" (p. 55). Daí ver ele a importância da luta operária pelo aumento salarial que deverá atingir o nível de renda dos intelectuais. Somente uma escola única, superando o dualismo escolar – destinado à formação de amos e escravos –, permitirá que todos possam ser inteligentes, onde ninguém será explorado.

A Revolução Operária (junho-julho 1918) se constitui num dos mais importantes textos de Makhaïski. Analisando o bolchevismo vê que ele criou um poder e "que este poder não é o da classe operária" (p. 62), pois defende a pequena-burguesia urbana e rural e a *intelligentsia* que dirige a produção. Vê nos bolcheviques imitadores dos jacobinos que também "instauraram uma ditadura dos pobres, tão ilusória quanto a dos bolcheviques" (p. 64). Para ele, uma classe não possuidora e dirigente é um contra-senso total, que "pode converter a ditadura bolchevique no reforço da revolução burguesa, uma espécie de cópia russa da ditadura dos jacobinos" (p. 65).

Makhaïski observa que, sob o bolchevismo, o poder passou dos capitalistas para a *intelligentsia* na medida em que ela é uma "capitalista do saber" e organiza a produção, garantindo para si o direito às rendas de seus amos. Na medida em que a *intelligentsia* monopolizar os conhecimentos "a classe operária terá que lutar contra ela a fim de elevar sua remuneração ao nível dos intelectuais" (p. 67). A emancipação operária liga-se à luta pela igualdade salarial e de oportunidades educacionais.

Makhaïski critica uma das ambigüidades do bolchevismo que proclamou após a dissolução da Assembléia Constituinte a "introdução imediata do socialismo" e o que se viu foi "basta de revoltas. Viva a pátria. Trabalho reforçado para os operários, disciplina de ferro nas fábricas?" (p. 68). Como complemento a proibição de greves a pretexto que o "Estado é operário"! Isso a pretexto de "concluir sua formação iniciada e não terminada pelos capitalistas (dos operários), provavelmente pelo caráter prematuro da revolução" (p. 78).

Nota Makhaïski que, após a tomada do poder pelos bolcheviques, reprimem-se ferozmente os marinheiros e os socialistas libertários que antes eram estimulados à rebelião, pois "com o novo curso o Estado comunista não necessita ter no Exército Vermelho elementos críticos e sublevados, fuzilando-se hoje aqueles que encorajava ontem" (p. 79). Referia-se ele à repressão aos marinheiros de Kronstad, definidos no passado por Trotsky como "a glória da Revolução".

Tão inimigo do operário quanto o capitalista é o intelectual que detém conhecimentos que vende por um salário privilegiado. Daí Makhaïski criticar a sabotagem dos intelectuais à tentativa dos operários gerirem a produção. Enquanto os operários têm interesse em transferir a seu favor os lucros com que os capitalistas beneficiavam seu pessoal de direção, "para os bolcheviques o lucro obtido pelo patrão pertencerá ao Estado e não aos operários, isto é, servirá à manutenção dos funcionários do Estado, privilegiados e de todos os "dirigentes" e "educadores" da classe operária" (p. 93).

A reprodução da exploração e da dominação do trabalhador, onde após a abolição da propriedade privada o Estado atua como explorador coletivo, foi um dos temas cruciais

de toda a história do movimento operário organizado.

Assim, no Congresso de Genebra da I Internacional em 1866 a delegação francesa, composta de Malon, Varlin e Fribourg, propõe a exclusão da *intelligentsia* limitando aos trabalhadores manuais a qualificação de proletários, para evitar o perigo da invasão da Associação por ambiciosos, homens de partido, carreiristas que poderiam transformá-la em instrumento para seus fins egoístas. Vencida essa proposta, propuseram que só operários pudessem eleger e serem eleitos na formação da delegação ao Congresso da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), por medo que capitalistas e profissionais liberais tivessem hegemonia no mesmo. Daí Toulain considerar como adversários todos os membros das classes privilegiadas, seja em nome do capital, seja por possuir um diploma (J. Freymond, *A I Internacional*, T. II, Genebra, pp. 68/75).

O tema da construção de um novo poder após a derrubada do capitalismo reaparece no debate Bakunin e Marx na I Internacional, onde Bakunin polemiza com Marx a respeito de a conquista do poder político se constituir "na grande tarefa dos trabalhadores" (K. Marx, *Oeuvres*, T. I, Ed. La Pléiade, p. 467). Segundo Bakunin, o princípio da constituição do proletariado como classe dominante provocará a centralização de todos os meios de produção nas mãos do Estado, controlado de fato por uma minoria "ilustrada". Daí dizer ele: "n' *O Estado Popular*, de Marx, nos diz ele que não haverá classe privilegiada. Todos serão iguais, não somente do ponto de vista jurídico e político, mas também econômico. Essa é a promessa, embora parem dúvidas sobre sua realização. Não haverá classes, mas um governo e, note-se bem, excessivamente complexo, que não se contentará em administrar as massas politicamente, como o fazem todos os governos de hoje em dia, mas que ainda as administrará economicamente concentrando em suas mãos a produção e a justa divisão de riquezas, a cultura da terra, organização das fábricas, da troca, enfim, a aplicação do capital à produção por um só banqueiro, o Estado. Tudo isso exigirá muita ciência, será o reino da inteligência científica, o mais aristocrático, o mais despótico, o mais arrogante e o mais desprezível de todos os regimes¹. Haverá uma nova classe, uma hierarquia nova de sábios reais e fictícios e o mundo se dividirá numa minoria dominante em nome da ciência e uma imensa maioria de ignorantes.

Tal regime despertará muitos descontentamentos nessa massa e, para contê-la, o governo iluminador e emancipatório de Marx necessitará de uma força armada não menos séria. ("Carta aos Companheiros do Jura", in *Archives Bakounine*, T. III Leiden, 1963, p. 204).

Essa "inteligência científica" na URSS em 1917 tinha 1 milhão de membros, passou para 2.725.000 em 1926; 14 milhões entre 1939/ 41; 25,3 milhões em 1965 e 37 milhões em 1977. O número de "trabalhadores intelectuais" como são chamados os membros da *"intelligentsia"* cresceu 37 vezes em 60 anos. Isso reflete na composição dos dirigentes do PC, 99,4% dos secretários dos comitês centrais do PC, de distritos, regiões e repúblicas possuem diplomas do ensino superior, enquanto que 99,9% dos secretários dos comitês locais do PC têm formação superior; os membros da classe operária, "hegemônica", estão ausentes. Tal predomínio da *"intelligentsia"* é reforçado, quando por ocasião do IX Plano Quinquenal (1971/5) 448 membros da *"intelligentsia"* receberam a medalha de Heróis do Trabalho Socialista. Em idêntico período, só 23

¹ Veja G. Konrad e I. Szelény, *La Marche au Pouvoir des Intellectuels*. Ed. du Seuil, Paris, 1979.

operários receberam tal distinção, mas por colaborarem com os sábios em trabalhos científicos.

Makhaïski mostra que o chamado "socialismo de Estado" nada mais é do que o governo da imensa maioria das massas por uma minoria privilegiada, composta por ex-operários promovidos a governantes e representantes do povo olhando-o de cima para baixo do alto do Estado, representando a si próprios e suas pretensões de poder. Por isso "nenhum Estado, por mais democráticas que sejam suas formas, mesmo a república mais vermelha, popular unicamente no sentido dessa mentira conhecida como representação do povo, não poderá dar a ele o que ele necessita, a livre organização de seus próprios interesses, da base ao topo, porque todo Estado, mesmo republicano e o mais democrático, mesmo o pseudopopular imaginado por Marx, não é outra coisa na sua essência que o governo das massas de cima abaixo por uma minoria ilustrada e por isso mesmo privilegiada, que pretende compreender melhor os verdadeiros interesses do povo do que o próprio povo" (Bakounine, op. cit., T. IV, pp. 219/220).

Essa minoria ilustrada terá salário maior em função do trabalho complexo (como administradores, engenheiros, médicos) que a maioria do operariado reduzida ao trabalho simples. Além de os primeiros serem burocratas do Estado.

Makhaïski vê na definição de Marx de valor da força de trabalho como sendo o justo valor dos meios de subsistência da força de trabalho, a justificativa dos salários diferenciais e hierarquizados. "A cada um segundo suas capacidades e sua obra", preceito de S. Smin que Marx adotara, justifica essa diferenciação. É nesse sentido que Makhaïski diz que o socialismo deixa de ser a ideologia do proletariado, tornando-se da "*intelligentsia*" ou o que ele chama "os capitalistas do conhecimento".

Na Europa do Leste a redistribuição opera como mecanismo principal que garante a expropriação e todos os que têm interesse na maximização do poder de redistribuição são os membros de uma nova classe dominante na medida em que seus interesses opõem-se aos produtores diretos. É cada vez mais nítido que a classe dominante é a "*intelligentsia*" gestora do Estado e do Partido. O importante não é procurar definir a oposição de classes através das formas de propriedade, mas sim entre os que possuem os meios de produção e os que deles estão privados. Os intelectuais têm maior chance em obter apartamentos subvencionados pelo Estado, ocupam as casas de campo dos sindicatos, têm acesso aos "hospitais do Partido" bem equipados, podem consumir utilizando dólares nas lojas especiais. O operário nesse contexto não é expropriado do produto de seu trabalho como de sua identidade como classe, onde a intelectualidade cria a ideologia dominante: da existência de uma sociedade sem classes diferenciadas por "estratos" sociais, como há 30 anos Kingsley Davis criticava a teoria burguesa da estratificação social – dominante no Leste – como uma ideologia que legitima as desigualdades sociais como "funcionais".